

Os liceus na cidade: o exemplo parisiense (1802-1914)*

The lycées in cities: the example of Paris (1802-1914)

Marc Le Coeur**

Tradução de Marcus Levy Albino Bencostta***

Ce que la ville me présentait d'abord, pour m'initier à une mécanique sociale plus complexe, c'était une de ses institutions les plus représentatives, une des plus d'épaysantes aussi pour un enfant de la campagne: le lycée.¹

RESUMO

No século XIX, os liceus experimentam a atenção das cidades que os abrigam, provocando sentimentos ambivalentes, entre a atração e a rejeição. Ao procurar múltiplos recursos, as cidades provocam, com efeito, prejuízos que ameaçam sem cessar a saúde, a segurança e a moral dos alunos, como também o curso de seus estudos. Durante muito tempo, os estabelecimentos sofrem para fazer entender suas reivindicações e devem, então, se adaptar sozinhos ao contexto urbano. Mas pouco a pouco estas relações conflituosas diminuem.

* Título original "Les Lycées dans la ville: l'exemple parisien (1802-1914)". Artigo originalmente publicado no número especial da Revista *Histoire de l'Éducation* (L'Établissement scolaire. Des collèges d'humanités à l'enseignement secondaire, XVI-XXe siècles), n. 90, p. 131-167, maio 2001.

** Historiador da Arte. Doutorando em História da Arte na Universidade de Paris I. marc_le_coeur@yahoo.com

*** Doutor em História pela Universidade de São Paulo, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação na área Temática História e Historiografia da Educação/Universidade Federal do Paraná. Pesquisador (Bolsa Produtividade) do CNPq. <marcus@ufpr.br>

1 GRACQ, J. *La Forme d'une ville*. Paris: J. Corti, 1985. p. 149.

em: no final do século XIX, após o fracasso do governo em sua tentativa de transportar para o campo os estabelecimentos de internos, a cidade torna-se uma verdadeira associada, com a qual os liceus não hesitam em multiplicar suas trocas. Pelo seu exemplo, o caso dos liceus parisienses ilustra esta lenta evolução.

Palavras-chave: história da educação, culturas escolares, arquitetura escolar.

ABSTRACT

In the 19th century, lycées experienced ambivalent feelings towards the cities that harboured them, ranging from attraction to rejection. Cities offered many resources to schools, on the other hand they caused threatening damage to the health, safety and moral standards of the pupils, as well as to the course of their studies. For a long time, schools struggled to put forward these conflictual relationships gradually died down. Towards the end of the cities, lycées and cities became real partners with an increasing number of contracts between the two. Because of its exemplary nature, the case of the lycées in Paris illustrate this slow evolution.

Key-words: history of education, schools cultures, school architecture.

Como outros edifícios comunitários, tais como os conventos, hospitais, casernas ou prisões, os liceus de Paris desejavam se manter completamente isolados. Durante muito tempo, estes se tornaram estabelecimentos feitos para confinar e separar, onde viviam reclusas importantes populações, infantil e adulta de todas as condições, onde as mulheres foram teoricamente exiladas, à exceção das religiosas da enfermaria e das operárias tíxteis, cujas grades das janelas desencorajavam as tentativas de evasão, o tanto quanto de invasões clandestinas. Nesse sentido, as construções dos liceus foram pensadas de modo a deixar do lado de fora as pessoas estranhas que poderiam perturbar a vida regrada que se levava no seu interior: as famílias dos alunos não conheciam mais que algumas peças que se encontram próximas da rua (escritório da administração, parlamento ou salas de espera, capela e mais raramente salão de festa); uma entrada restrita era destinada aos fornecedores, que era uma parte recuada do estabelecimento onde eram autorizados a entrar somente até o pátio no qual ficavam as cozinhas; uma outra entrada era reservada aos alunos externos que permitia, em princípio, mantê-los à distância de seus colegas internos.

Os liceus eram microcosmos onde se podiam legitimamente identificar em uma pequena aglomeraçã, urbana, como em um país inteiro, segundo o que se fala, de seu ordenamento ou de sua populaçã, escolar, quando È atingida pelas mesmas correntes de pensamento e tocada pelas mesmas inegabilidades que atingem a populaçã, francesa. Sob a Monarquia de julho (1830-1848) o diretor Rinn ví assim no liceu *Louis-le-Grand*, que ele dirigia, ùm amontoado confuso de casas formando um vilarejo ou uma cidade com seus belos e seus bairros desagradveis,² e, mais tarde, o escritor Julien Green, ví no liceu de sua inf ncia, uma *FranÁa reduzida*.³

Os liceus aspiravam † autarquia, mas sua prosperidade dependia dos m'ltiplos recursos que a cidade proporcionava, pois era na cidade que se recrutavam a maior parte de seus efetivos e se aproveitavam da proximidade de estabelecimentos diversos nos quais os alunos tomavam banhos quentes, praticavam nataçã, ou equitaçã, o, enviavam suas roupas para as lavanderias e utilizavam algumas salas onde ocorriam cerimÕnias universit rias (banquete na *Saint-Charlemagne*, distribuiçã, o de prímios...) que nos liceus, pela falta de lugar, eles freq, entemente n, o podiam celebrar. Em contrapartida, eles deviam suportar os inconvenientes tipicamente urbanos, que a administraçã, o n, o poderia evitar. Partilhados entre atraçã, o e repulsã, o, os liceus experimentaram em relaçã, o † cidade sentimentos ambivalentes.

AtÈ a abertura dos primeiros liceus femininos, por volta de 1880, Paris era a nica cidade francesa a contar com mais de um liceu.⁴ Encontramos reunidos nela todos os problemas que se podiam encontrar nos demais estabelecimentos escolares das circunvizinhanÁas: dificuldades ligadas † escolha do local, penalizado por uma vizinhanÁa que se suportava, mas que n, o era a desejada e perturbaÁies produzidas por certos estabelecimentos comerciais do bairro ou pela via p'blica...

Por mais exemplares que fossem, estas confusies n, o eram menos exacerbadas, pois a capital acumulava os inv lidos. Em Paris, mais que em outros lugares, a sa'de, a seguranÁa e a moralidade dos alunos, assim como o bom andamento de seus estudos foi exposto a ameaÁas exteriores, o que

2 *Rapport du proviseur Rinn*, c. 1846, Archives du LycÈe Louis-le-Grand.

3 GREEN, J. *Jeunes annÈes*. Autobiographie I. Paris: Le Seuil, 1984. p. 77.

4 A primeira cidade da provÌncia a dispor de dois estabelecimentos distintos foi *Montpellier*, cujo liceu de meninas, em funcionamento em 1881, foi oficialmente criado em 18 de janeiro de 1882. Dois anos mais tarde, o governo autorizou a criaçã, o de um segundo liceu de meninos em *Lille* (decreto de 3 dez. 1883).

tornava indispensável aos estabelecimentos uma vigilância incessante de seus acessos e uma grande capacidade de adaptação. Pouco a pouco, os contínuos conflitos urbanos perderam espaço para uma relação pacífica, fundada sobre uma melhor compreensão recíproca, um eco da mudança da instituição escolar (nela mesmo). Assim se vê uma abertura progressiva dos liceus nas cidades, antecipando ou seguindo a evolução das práticas pedagógicas, a aparição de novos ensinamentos e o abrandamento da disciplina.⁵

Uma distribuição equitativa?

Ainda que seus edifícios fossem mantidos pelas comunidades onde estavam estabelecidos,⁶ os liceus não tinham vocação para atender uma clientela exclusivamente local. Não havia nenhuma obrigação das famílias viverem próximas aos estabelecimentos que seus filhos frequentam, mesmo tendo sido o enclausuramento de alunos quase sistemático até o final do século XIX⁷ e que o aparecimento e depois o desenvolvimento dos transportes ferroviários em pouco tempo favoreceram os deslocamentos de uma vila para outra. Nos campos, das estações de trem e das pequenas cidades, vê-se, através de mim, e bem rápido, a cidade avançar, da boa cidade ao liceu diante da qual se escapam os campos, as estações, as pequenas cidades, escreve assim o jovem narrador de *La Mère et l'enfant (A mãe e o filho)*, lembrando da viagem de trem que o conduzia a sua primeira reentrada escolar.⁸ Embora eles pertencessem a uma vasta rede nacional, estes estabelecimentos foram agrupados no conjunto ur-

5 Sucessivamente liceus, colégios reais ou liceus imperiais, os estabelecimentos parisienses têm frequentemente mudado de identidade. Nós nos esforçamos aqui de somente conservar o nome atual de cada um deles. O leitor encontrará em anexo a lista de suas denominações sucessivas.

6 Lei do 11 florêal ano X (1 de maio de 1802), artigo 40.

7 As crianças que não eram hospedadas nos liceus ou eram nas pensões privadas que povoavam os arredores. Os externos foram durante muito tempo minoria.

8 PHILIPPE, C-L. *La Mère et l'enfant 1900*. Paris: Gallimard, 1983. p. 7. Reedição. A história se passa em outubro de 1886 e a cidade em questão é Montluçon (Allier), cujo liceu foi inaugurado três anos antes.

bano, onde formavam um todo que se entrecruzava com as vias e as malhas ferroviárias, conglomerando-se ano após ano.

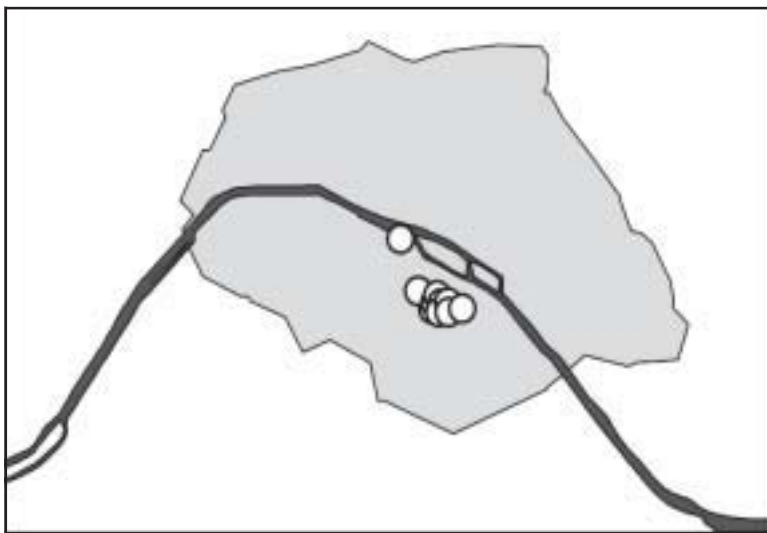
As instituições escolares parisienses atraíam grande parte da atenção dos sucessivos governos que tiveram um cuidado caracteristicamente elitista e cosmopolita de seu público. Elas não eram submetidas a nenhuma circunstância, o francesa de administração urbana (paroquial ou distrital). Somente nestes casos a administração não levou em consideração a demografia, apesar das numerosas relações que se referem a tais exemplos. A questão do número e dos locais onde seriam construídos os liceus parisienses se colocava de maneira singular, mas em termos que variavam ao gosto dos regimes políticos e das necessidades, faltando um regulamento que instituisse de uma vez por todas estas questões. O estudo de sua distribuição na cidade revela uma página inédita do reordenamento de Paris no século XIX.

*O Quartier latin, o Sinai do ensino universitário*⁹

Nas vésperas da Revolução Francesa (fim do século XVIII), Paris contava com 10 colégios em pleno funcionamento, que foram construídos à margem esquerda do Rio Sena: os colégios de *Harcourt*, do *Cardinal-Lemoine*, de *Navarre*, de *Montaigu*, de *Plessis*, de *Lisieux*, da *La Marche*, dos *Grassins*, de *Louis-le-Grand* e dos *Quatre-Nations* (ou colégio *Mazarin*). Exceto o último, todos os demais costeavam ao norte da montanha *Sainte-Geneviève*, entre o Rio Sena e o subúrbio de *Philippe-Auguste*, formando um conjunto compacto de estabelecimentos que ligavam um labirinto de ruas tortuosas e íngremes (mapa 1). Ainda que desagradassem muitas famílias, o número elevado e o acúmulo dos colégios tiveram apoio no seio da universidade que procurava perpetuar os limites seculares do *Quartier latin* e se opunham a todo o reordenamento das Casas de Instrução.

9 Ch. de Rémusat, 1845, apud: DOUARCHE, A. *L'Université de Paris et les Jésuites (XVIe et XVIIe siècles)*. Paris: Hachette, 1888. p. 4.

MAPA 1 - OS COLÉGIOS PARISIENSES EM 1793



* Aarredor dos Fermiers-GènÈraux (1784-1787) circunscreve Paris atÈ 1 de janeiro de 1860. Neste dia os limites da capital ser„o recuados atÈ o arredor de Thiers, longo anel fortificado elevado de 1841 a 1844.

Nos anos de 1760, v rios projetos que previam a criaÁ„o de novos estabelecimentos ‡ margem direita do Rio Sena fracassaram, assim como ocorreu a mudanÁa do ColÈgio de *Lisieux* para o bairro do *Bastille*, nos edifícios da *maison-professe*, recÈm deixados pelos jesuítas que foram expulsos da França.¹⁰ Todavia, no 19 de maio de 1789, atendendo ao desejo da populaÁ„o parisiense, a corporaÁ„o de mestres apresentava queixas aos Estados Gerais para a transferÍncia de alguns colÈgios em pleno funcionamento para bairros distantes do centro universitário.¹¹ Colocados todos os obst culos, o desmantelamento do *Quartier latin* foi, daquele momento em diante, inelut vel.

Nos projetos de reforma do sistema educativo, estudado sucessivamente a partir de 1791, aparecia rapidamente que todos os estabelecimentos de

10 BOUQUET, H. L. *L'Ancien collÈge diHarcourt et le lycÈe Saint-Louis*. Paris: Delalain FrÈres, 1891. p. 402-403 e 412-413.

11 *L'UniversitÈ de Paris, la Sorbonne et la RÈvolution*. Paris: Fondation France-LibertÈs/Chancellerie des UniversitÈs de Paris, 1989. p. 71.

Paris n, o teriam sido conservados. Alguns meses apÙs a supress, o dos colÈgios sobre todo o territÙrio da Rep'blica (15 de setembro de 1793), a comiss, o de instruÁ, o nacional do departamento de Paris cansada de esperar um plano de educaÁ, o nacional que tardava a ser adotado, decide substituí-los provisoriamente por cinco institutos, assim como havia inutilmente proposto Condorcet um ano e meio antes. Mas este projeto somente atenuava as imperfeições do antigo dispositivo: reduzia-se pela metade o n'mero de estabelecimentos, n, o se determinava nenhum local novo;¹² alÈm do mais, se contrapunha a ConvenÁ, o Nacional que, procurando organizar a unidade do ensino em toda a Rep'blica, recusava-se a aprovar as iniciativas locais. Enfim, as leis da 7 de *ventÙse** ano III (25 de fevereiro de 1795) e 3 de *brumaire*** ano IV (25 de outubro de 1795) criava escolas centrais na proporÁ, o de uma escola por departamento*** e atribuía somente cinco para a cidade de Paris.

Das escolas centrais... aos liceus centrais

Com o objetivo de preservar as finanÁas da Rep'blica, dois fatores principais determinaram a escolha dos locais que acolheriam as escolas centrais: designar os edifícios nos quais a disposiÁ, o e o estado geral permitissem uma adequaÁ, o r pida e pouco dispendiosa, entretanto, se deveria encontrar, junto a cada escola, uma biblioteca p'blica, um jardim e um laboratÙrio de histÙria natural, um laboratÙrio de quÍmica e de fÍsica experimental, recursos dos quais dispunham poucos dos antigos colÈgios. Em Paris, como na maioria das cidades dos departamentos, as pesquisas indicam centenas de propriedades confiscadas do clero, dos imigrantes ou da realeza, desde o inÍcio da revoluÁ, o.

12 Os referidos institutos que sucederiam os colÈgios dos *Quatre-Nations*, de *Harcourt*, de *Louis-le-Grand*, de *Navarre* e do *Cardinal-Lemoine*.

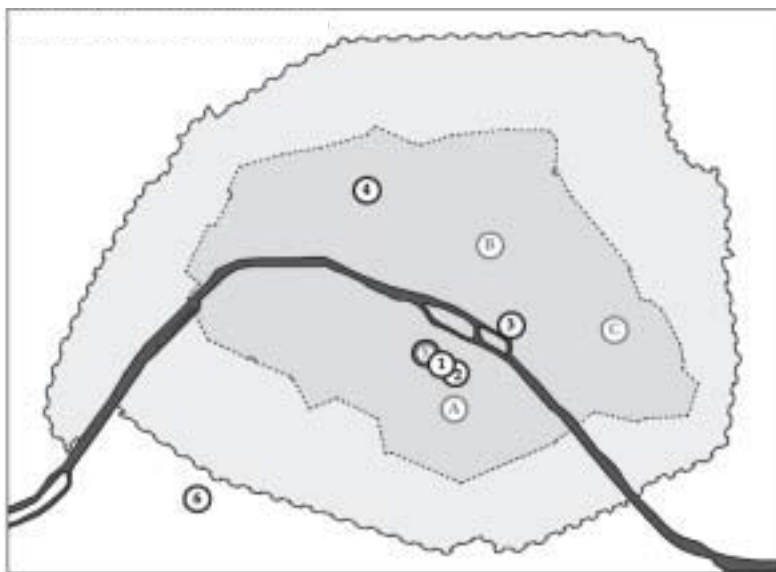
* Sexto mÍs do calend rio republicano francÊs. N.T.

** Segundo mÍs do calend rio republicano francÊs. N.T.

*** Divis, o administrativa do territÙrio francÊs sob a autoridade de um comiss rio da Rep'blica. N.T.

De fato, a primeira lista de locais que foi proposta para Paris desprezava os edifícios escolares da montanha *Sainte-Geneviève* (8 de *messidor** ano III / 26 de junho de 1795): para a instalação de quatro escolas projetadas, sendo os locais confiscados das antigas congregações religiosas os preferidos, e o edifício dos *Quatre-Nations* reencontraria sua vocação inicial (mapa 2). De maneira a facilitar o acesso a todos os pontos da cidade, os quatro novos locais reunidos balizaram o percurso da chamada *Cruzada de Paris*, seja do sul ao norte, sob o traço do antigo *cardo* da *Lutèce* primitiva (Ruas *Saint-Jacques* e *Saint-Martin*): abadia de *Val-de-Grâce* e o priorado de *Saint-Martin des Champs*; ao oeste e a leste, contornando as Ruas *Saint-Honoré* e *Saint-Antoine*: o convento das *Filles de la Conception* e

MAPA 1 - OS LICEUS PARISIENSES DE 1803 A 1879 *



* (De 1 a 6 ver abaixo...) A, Pensionnat Parmentier; B, Prieuré de Saint-Martin des Champs; C, Maison

* Décimo mês do calendário republicano francês. N.T.

a *maison-professe* dos Jesuítas (ou na falta, o convento das *Minimes*, atr s da praÁa *des Vosges*). AlÈm disso, tentava-se suprimir as fronteiras da antiga Universidade de Paris, sendo que esta nova divis, o encerrava o arcaico monopÙlio da margem esquerda do Rio Sena, na qual se encontravam somente duas escolas contra trÍs sobre a populosa margem direita do Rio Sena; quanto ao despovoado *Quartier latin*, este conservou o Instituto *des Boursiers*, estabelecimento que dois anos antes sucedeu o colÈgio *Louis-le-Grand*.¹³

Apesar de sua virtude, este plano n, o foi adotado em sua integralidade. Somente dois dos locais propostos foram finalmente retomados.¹⁴ Abertas ‡ vÈspera do ver, o de 1796, as primeiras escolas centrais de Paris inauguram os edifÍcios dos respectivos colÈgios: *Quatre-Nations*, *maison-professe* dos Jesuítas (Rua *Saint-Antoine*), e a abadia de *Sainte-GeneviÈve*, atr s do *PanthÈon*; quanto as duas ltimas escolas, as quais se destinaram respectivamente em agosto de 1798 e marÁo de 1799, os edifÍcios do Convento dos Capuchinhos, em *ChaussÈe d'Antin*, e uma parte do priorado de *Saint-Martin des Champs*¹⁵ ã estas permaneceram apenas como projetos. Os governos da ConvenÁ, o (1792-1795) e DiretÙrio (1795-1799) sem perceber, comprometeram e entravaram duramente o futuro do desenvolvimento das escolas centrais e depois dos liceus, ao descaracterizar a nica e real tentativa de divis, o racional e eq, itativa dos estabelecimentos de instruÁ, o parisiense.

AtÈ 1801, apesar de sua proximidade, as trÍs escolas parisienses escaparam ao agrupamento. Localizadas em ngulos de um tri ngulo imagin rio, tendo a Catedral de *Notre-Dame* por centro e por lados uma dist ncia mÈdia de 1500 metros, elas interligavam trÍs bairros distintos ão *faubourg Saint-Germain*, o *Marais* e o *Quartier latin* ã de populaÁies bastante diferenciadas. Contudo, a transferÍncia da escola de pintura, escultura e arquitetura do edifÍcio dos *Quatre-Nations* em 19 de *vendÈmiaire*,* ano X (11 de outubro de 1801), resulta no precoce deslocamento da mais importante dentre elas para o antigo ColÈgio de *Plessis* (Rua *Saint-Jacques*), para o prejuÍzo de seus professores. Ainda que o *faubourg Saint-Germain* tivesse perdido definitivamente seu n-

13 Sob suas sucessivas apelaÁies, o colÈgio *Louis-le-Grand* foi o nico estabelecimento de instruÁ, o francesa a n, o ter jamais fechado suas portas.

14 Mal lembrado, a escolha do *Val-de-Gr ce* foi rapidamente rejeitada. Esta antiga Abadia n, o era julgada suficientemente central.

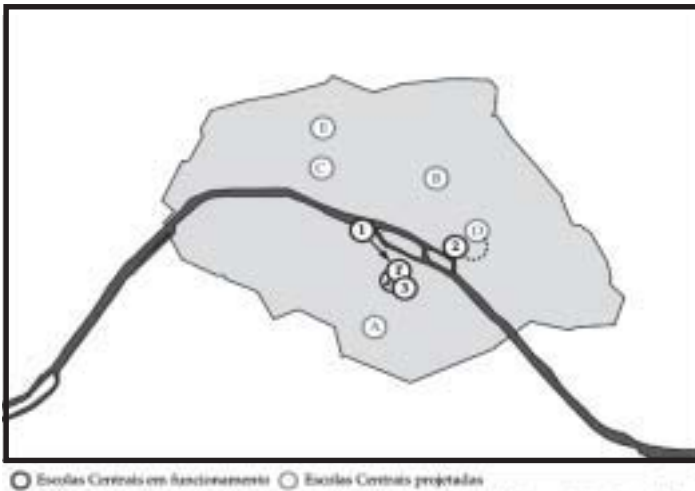
15 A maior parte do antigo priorado de *Saint-Martin des Champs* foi atribuído ao ConservatÙrio de Artes e OfÍcios em 10 de junho de 1798.

*Primeiro mÍs do calend rio republicano francÊs. N.T.

co estabelecimento de ensino p'blico, o *Quartier latin* recuperou sua supremacia: duas escolas centrais sob tr'fs vizinhas ao *Quartier latin*, doravante com o *PrytanÈe franÁais*, precedendo o Instituto *des Boursiers*.

A abertura dos primeiros liceus parisienses em 1803 e 1804 confirmava este novo desequilíbrio entre os bairros de Paris. Diante dos recursos origin rios de fundos nacionais terem sido consideravelmente reduzidos, a construÁ,,o de edifícios destinados especificamente ao uso escolar nem sempre foi uma quest,,o prioritária. Os novos estabelecimentos foram simplesmente subsituados em casas de educaÁ,,o j existentes, tais como, o atual liceu *Louis-le-Grand* que, na montanha de *Sainte-GeneviÈve*, substitui o *PrytanÈe franÁais* e a escola central de *Plessis*, e o atual liceu *Henri IV*, escola central do *PanthÈon*. Do outro lado do Rio Sena, no bairro do *Marais*, o liceu *Charlemagne* sucede a escola central da Rua *Saint-Antoine* e, ao noroeste de Paris, o atual liceu *Condorcet* investiu nos locais que deveriam ocupar a escola central (somente projetada), da *ChaussÈe d'Antin* (mapa 3).

MAPA 3 - AS ESCOLAS CENTRAIS PARISIENSES DE 1795 A 18??



a, Institut des Boursiers / PrytanÈe franÁais; 1, Ecole centrale des Quatre-Nations; 1í, Ecole centrale du Plessis; 2, Ecole centrale de la rue Saint-Antoine; 3, Ecole centrale du PanthÈon; A, Abbaye du Val-de-Gr ce (1795); B, PrieurÈ de Saint-Martin des Champs (1795 et 1799); C, Couvent des Filles de la Conception (1795); D, Couvent des Minimes (1795); E, Couvent des Capucins (1798).

Uma tentativa de reequilibrar o leste parisiense

Após alguns anos, parecia que o número de quatro liceus não respondia mais as necessidades da população parisiense, tanto que os dois estabelecimentos da margem direita do Rio Sena acolhiam somente externos.¹⁶ Em 1809, contava-se 1792 alunos em Paris; em 1812 eram 3681 alunos, dos quais 937 eram pensionistas, número muito elevado e que jamais as escolas centrais alcançaram. Em consequência do decreto de Napoleão, de 15 de maio de novembro de 1811, foram estabelecidos mais quatro novos liceus em Paris,¹⁷ sem contudo, apresentar nenhum local, o que provocou pela primeira vez um afluxo de sugestões espontâneas de chefes de instituições ou de simples particulares que atestavam a importância da abertura. A administração, cuidadosa sem dúvida, de sua imparcialidade não aceitou nenhuma das propostas, determinando somente os locais onde seriam estabelecidos os liceus suplementares e definindo assim, um novo plano conjunto que tentava corrigir as imperfeições do dispositivo inicial em benefício do leste parisiense (decreto de 21 de março de 1812).

Os edifícios destinados à margem esquerda do Rio Sena foram o antigo Colégio de *Harcourt*, Rua da *Harpe* (*Boulevard Saint-Michel*) e o pensionato *Parmentier*, Rua dos *Postes* (*Lhomond*); da margem direita, o antigo priorado de *Saint-Martin des Champs*, que liberava o conservatório das Artes e Ofícios e a casa *Sainte-Croix*, Rua de *Charonne*. Mas a restauração (1814-1830) minou em pouco tempo o projeto imperial: dos liceus projetados, somente o liceu de *Harcourt* viu o dia em que foi posto em atividade como Colégio Real de *Saint-Louis*, em outubro de 1820, a uma pequena distância do *Louis-le-Grand*.

E depois? Nada mais aconteceu até a chegada do Ministro Jules Ferry e sua equipe, em 1879. Durante sessenta anos, os parisienses não tiveram outra escolha senão empilhar seus filhos em alguns liceus ou, após 1850,

16 Na realidade, a despeito dos projetos da administração, os Liceus *Charlemagne* e *Condorcet* ficaram durante várias décadas sendo os únicos liceus franceses a não ter pensionato.

17 Mais amplamente, este decreto aumenta o número de liceus até cem em toda a extensão do Império.

envi -los aos estabelecimentos particulares (laicos ou religiosos) que proliferaram em Paris.¹⁸

A inércia dos prefeitos

Com seus cinco liceus intramuros, o século XIX não fez melhor que Antigo Regime: a margem direita do Rio Sena definitivamente penalizada e a maior parte do oeste de Paris desprovida de estabelecimento de instrução pública, uma situação incômoda que se agravava ainda mais com o crescimento da cidade pela incorporação das comunas suburbanas, feita em 1 de janeiro de 1860. Apesar da existência de novos colégios reais e liceus,¹⁹ os estabelecimentos suplementares foram reivindicados aos vereadores, mas os iminentes apelos da população ou dos governantes ficaram sem efeito.

Uma obra posta a crédito do II Império (1852-1870) trouxe atenção para uma modesta melhora: em 1864, Napoleão III pronunciava a liberação do anexo campestre do liceu *Louis-le-Grand* a setecentos metros do *porte de Versailles* tornando-se, enfim, um estabelecimento autônomo: o liceu *Michelet* em *Vanves*. Mas em Paris, as lacunas perduravam, pois não era a hora para a multiplicação dos estabelecimentos.

De todos os prefeitos do *Seine*, o barão Haussmann foi sem dúvida o mais criticado, o que não esboçou a criação de nenhum novo liceu, a despeito das exortações do ministro e do vice-reitor da Academia de Paris,²⁰ não obstante a um contexto propício a construção de grandes edifícios públicos, a metamorfose de Paris não chega aos liceus.

Haussmann se contentou em aumentar os liceus *Saint-Louis*, *Henri IV* e *Condorcet* e determinou a mudança para um novo local, porque as instituições de estabelecimentos escolares tornaram-se obrigatórias de

18 Cf. HUGUET, F. Les pensions et institutions privées d'enseignement secondaire pour garçons, dans la région de l'Île de France, du XVIIIe siècle à la fin de la Troisième République. *Histoire de l'Éducation*, n. 90, p. 205-221, maio 2001.

19 Ratificando uma disposição de 1841, a Lei de 15 de março de 1850 estipulou *que toda cidade que quer obter a criação de um liceu deve arcar com as despesas de construção e da apropriação requeridas para este fim*.

20 As funções de reitor da academia de Paris seriam exercidas pelo ministro da Instrução.

modo impreterível. Uma despropositada saída resultou em um de seus raros fracassos pessoais: transferiu o colégio *Rollin* (atual liceu *Jacques-Decour*) do *Quartier latin* e o colégio *Chaptal*²¹ para o oeste da cidade, porém, teve que renunciar o deslocamento do liceu *Louis-le-Grand* para as proximidades do *faubourg Saint-Germain*, diante dos protestos de seus ex-alunos, que se opuseram violentamente a esta extirpação.²²

A corrida em direção ao oeste

Uma nova época se inaugurava com chegada ao poder dos republicanos, cujo ponto de partida foi a curta relação, que imprimiu Octave Gréard, em abril de 1879, algumas semanas após sua nomeação, como principal líder da Academia de Paris.²³ Após ter condenado a insuficiência, o superpovoamento e a ruína dos liceus de Paris, o vice-reitor reivindicava a necessidade imediata da reconstrução do *Louis-le-Grand*, a construção do futuro liceu *Janson-de-Sailly*,²⁴ a criação de três novos liceus no leste da cidade (*Avenida de la République*), no noroeste (na XVII Circunscrição Administrativa) e a sudoeste (na XV Circunscrição Administrativa) e a ampliação do liceu *Saint-Louis*.

Contrariamente aos projetos abortados de 1795 ou de 1812, a execução deste novo plano desta vez foi integralmente retomada nos anos se-

21 Elevados ao norte de Paris, ao longo do antigo cinturão dos *Fermiers Généraux*, os edifícios destinados a abrigar esses dois estabelecimentos municipais serão concluídos apenas dez anos mais tarde.

22 O local destinado era aquele do hospício dos Incuráveis (mulheres) da Rua de *Sèvres*, destinado mais tarde ao hospital *La Pitié* (Cf. LE COEUR, M. *Le lycée Louis-le-Grand à Paris: chronique d'une reconstruction difficile (1841-1881)*. *Histoire de l'Éducation*, n. 23, p. 71, oct. 1993).

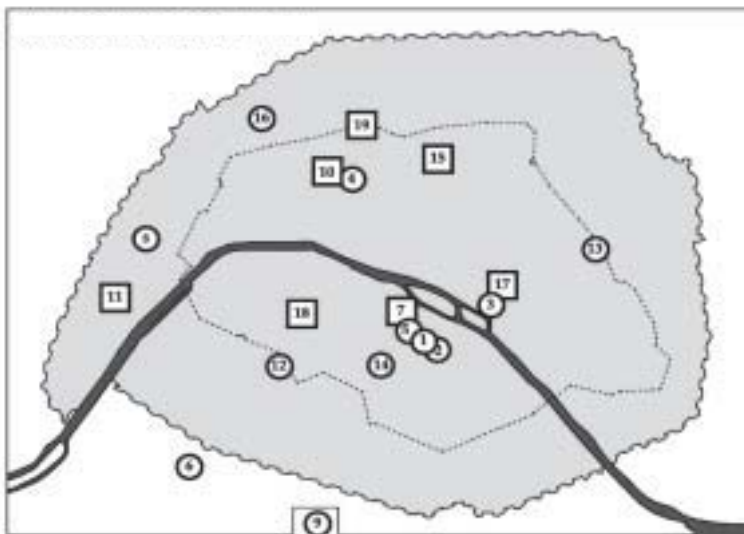
23 GRÉARD, O. *Note sur les besoins de l'enseignement secondaire à Paris*. N.º datado [30 de abril de 1879].

24 O novo liceu parisiense a ser dedicado a uma glória nacional, o Liceu *Janson-de-Sailly* traz o nome de um rico advogado parisiense que, perto de 50 anos antes, havia instituído a universidade sua herdeira universal com a condição de criar em Paris uma instituição sob o nome de colégio *Janson*. Sua construção, autorizada desde 1876, começou a funcionar somente em 1881.

guintes por Jules Ferry e seus sucessores, em colaboração com a cidade de Paris: aos novos liceus de meninos se juntaram os liceus das meninas, em ampliação, o que foi a lei de 21 de dezembro de 1880.

A rapidez com a qual foram empreendidos os trabalhos deixava de corresponder à impaciência do governo: a partir de 1882, um novo estabelecimento abria as portas a cada ano escolar, sendo que alguns deles conseguiram distribuir melhor o número de alunos entre os liceus existentes, de tal modo que o número de liceus parisienses triplicou entre os anos de 1879 e 1914 (mapa 4).

MAPA 4 - OS LICEUS PARISIENSES DE 1879 A 1914



A divisão dos liceus de meninos foi tal que preocupou mais ainda a administração, pois não se tratou somente de retomar o atraso da cidade em matéria de ensino secundário público, desde várias décadas,²⁵ mas so-

25 Em 1880, Jules Ferry observou que *Paris È certamente a cidade da França que teve cuidado com a população e sua extensão, e apresentou menos recursos para o ensino secundário público* (Carta de Ferdinand Herold, prefeito do Sena, 4 de abril de 1880). De 1870 a 1914, mais de 300 novas escolas foram igualmente construídas (Cf. CH TELET, A-M. *La Naissance de l'architecture scolaire. Les Écoles Élémentaires parisiennes de 1870 à 1914*. Paris: HonorÉ Champion, 1999. p. 7). Na mesma época, a maioria dos estabelecimentos universitários parisienses È ampliada ou reconstruída.

bretudo, de lutar contra a hegemonia que exerciam as casas de educação, o religiosas nas Circunscrições Administrativas a oeste de Paris.²⁶ Os liceus fundados (*Janson-de-Sailly*, *Buffon* e *Carnot*), cujos locais respondiam a este imperativo político, mais que um estudo estatístico das reais necessidades dos parisienses foi uma tentativa de lutar contra os estabelecimentos religiosos que se encontravam nesta região, da mesma forma o liceu *Lakanal* que foi criado em *Sceaux*, neste subúrbio do sul da cidade onde já prosperavam vários estabelecimentos particulares. Somente um liceu foi criado no leste da cidade (liceu *Voltaire*), na fronteira de duas Circunscrições Administrativas bastante povoadas, mas onde não existia nenhuma ameaça congregacionalística (a XI e a XX Circunscrições Administrativas). A localização dos liceus de meninas apresentou menos problemas, pois cada um deles foi colocado de preferência próximo a um liceu de meninos²⁷ e, a exceção do liceu *Molière*, nas Circunscrições Administrativas centrais de Paris (IV, VI, VII, VIII e IX).

Preciosos auxiliares: os transportes urbanos

A multiplicação e disseminação dos liceus constituíram um progresso indubitável, mas os critérios de divisão adotados engendraram um novo desequilíbrio em detrimento das circunscrições administrativas populares que circundavam a cidade ao norte, no leste e ao sul (XVIII, XIX, XX, XII, XIII e XIV Circunscrições Administrativas), vasto território onde a municipalidade concentrava simultaneamente uma parte das escolas primárias superiores e a quase totalidade das escolas profissionais. Todavia, seria

26 Um grande número de pais, mesmo aqueles dentre eles que preferiam o ensino público, é obrigado a confiar seus filhos aos estabelecimentos livres, na impossibilidade de onde se encontravam de procurar o liceu a cinco, seis e até oito quilômetros. Não estaria longe da verdade afirmar que com esta situação excepcional e escolha de um bairro deserto que alguns estabelecimentos congregacionistas devem uma parte de seu sucesso? (**Jules Ferry. op. cit.**). [Ver referência]

27 O primeiro dentre eles (*Fénelon*) foi naturalmente fundado no *Quartier latin*, próximo do *Saint-Louis*, do *Louis-le-Grand* e do *Henri IV*; *Racine*, depois *Jules-Ferry* se elevam não longe de *Condorcet* e do *Carnot*; *Lamartine* vizinho ao colégio *Rollin*; *Molière*, com *Janson-de-Sailly*; *Victor-Hugo*, com *Charlemagne*; *Victor-Duruy* enfim, com *Buffon*.

abusivo falar da segregação, o geográfica ou social, pois, no momento que o regime de internato conheceu um crescente declínio, a escolha dos locais mais distantes do centro da cidade foi determinada pela facilidade e rapidez das vias de transporte: proximidade dos grandes eixos de circulação,²⁸ de transporte em comum ou de uma linha férrea que alargava as zonas de acesso até os bairros circunvizinhos e mesmo às comunas da periferia, assim como já acontecia com o liceu *Condorcet*.²⁹ Os liceus *Janson* e o *Molière* se beneficiavam das linhas férreas que os circundavam e as linhas de bonde que religavam as antigas comunas de *Passy* e de *Auteuil* ao centro de Paris; *Lakanal* foi implantado no trajeto da linha de *Sceaux*;³⁰ *Buffon* foi construído nas vizinhanças da Estação de *Montparnasse*, assim como havia solicitado Jules Ferry, em 1880.

Então, a principal dificuldade não foi a distância do domicílio familiar, mas a demora e a duração dos trajetos que as crianças e os adolescentes deviam frequentemente aprender a percorrer sozinhos.³¹

A despeito de um aumento constante no número de alunos dos liceus e da concomitante lentidão na construção de estabelecimentos na cidade não

28 Como os colégios *Chaptal* e *Rollin* alguns anos antes, os liceus *Buffon*, *Voltaire* e *Jules-Ferry* foram construídos nos limites dos antigos *boulevards* exteriores. *Carnot* se elevava entre o *Boulevard Malesherbes* e a Avenida de *Villiers*; *Janson* apresentava uma fachada sobre a Avenida *Georges-Mandel*.

29 Em razão de sua proximidade com a estação *Saint-Lazare*, o *Condorcet* se tornou em alguns anos o mais populoso dos liceus parisienses: em 1841, contava com mais de mil alunos, chegando a 1600 em 1879.

30 Os jovens ou suas famílias embarcavam na Praça *Denfert-Rochereau*, onde um café tem até hoje o nome *Lakanal*, mesmo que a localização tenha obrigado o estabelecimento a não receber mais os pequenos parisienses, eles desciam na estação *Bourg-la-Reine*, depois seguiam até a Avenida *do Liceu Lakanal* que os levava diretamente à porta do estabelecimento. A linha de *Sceaux* foi prolongada até *Luxembourg* em 1895, o que beneficiou os liceus do *Quartier latin*.

31 Um certo número de mães de família receava esta precoce autonomia de suas crianças, assim como escreve o jovem narrador do *Diable au corps*: "...Minha mãe me achava muito novo para ir ao Henri IV. Na sua cabeça isso queria dizer: para pegar o trem. Eu fiquei dois anos em casa e trabalhava sozinho (RADIGUET, R. *Le Diable au corps*. 1923. Paris: Le Livre de Poche, 1981. Reedição, p. 12). Da mesma forma, Julien Green (nascido em 1900) recorda da longa viagem que ele devia fazer com 13 anos para retomar do Liceu *Janson-de-Sailly* depois *Le Vésinet* (pequena cidade nos arredores oeste de Paris) onde sua família acabara de mudar: primeiro uma hora de trem até a estação *Saint-Lazare*, depois o caminho de ferro até a Avenida *Henri-Martin*. E Green conclui: *Esta viagem, eu fazia sozinho e era isso que assustava minha mãe*. (GREEN, op. cit., p. 125). [Ver referência]

nhum liceu foi fundado em Paris entre 1895 (*Victor-Hugo*) e 1912 (*Victor-Duruy*) ã, esta mensagem escolar funcionou t,,o bem que mal eclodiu a I Guerra Mundial, no dia seguinte, a superpopulaÁ,,o escolar impÙs uma nova campanha de construÁies em Paris, o que foi novo nas comunas perifÈricas. Ent,,o, somente aparecer a necessidade de colocar a localizaÁ,,o e a quantidade de liceus em relaÁ,,o com a populaÁ,,o. Com uma clientela cada vez mais local, os liceus se tornaram rapidamente em simples instalaÁies necess rias ao bairro, desmentindo assim o pressentimento de Jules Verne, que imaginava que em 1937 seria criado um gigantesco estabelecimento ã a Sociedade Geral de CrÈdito Instrucional [sic] ã centralizando a educaÁ,,o da FranÁa Íntegra sobre um lugar 'nico: o *Champ-de-Mars*!³²

A cidade hostil

AtÈ a Monarquia de Julho, a administraÁ,,o esteve mais preocupada com o conte'do do ensino e a conduta dos alunos que com distribuiÁ,,o interior dos estabelecimentos. Na falta de textos definindo precisamente a natureza dos locais que deveriam abrigar um liceu, somente um conhecimento gradual das necessidades permitiu ent,,o, corrigir os defeitos da organizaÁ,,o inicial e reduzir suas carências.

Fundado, primeiramente sobre tentativas empÌricas, a organizaÁ,,o material dos liceus se racionalizou lentamente atÈ originar uma nova tipologia arquitetural que combinava as exigências da pedagogia, da higiene e da disciplina. Foi um ponto, no entanto, que os diretores dos liceus e os arquitetos cuidaram para organizar completamente o reordenamento urbano. Freq,,entemente pernicioso, doentia, sedicioso, ruidoso e propÍcia aos acidentes de toda sorte, a cidade era uma advers rria contra qual os estabelecimentos escolares deveriam aprender a se prevenir.

32 Cf. VERNE, J. *Paris au XXe siÈcle (1863)*. Paris: Hachette/Le Cherche Midi, 1994. p. 29-34.

Uma vizinhança indesejável

As condições de instalação dos primeiros liceus foram muito heterogêneas. A configuração e a dimensão das áreas, a disposição e o estado geral dos edifícios, o número e a superfície dos pátios e jardins variavam muito de um estabelecimento para outro.

Durante muito tempo, a forma como os liceus abrigavam seus alunos apresentava uma única característica. O liceu *Louis-le-Grand* não passava de um aglomerado de construções díspares e terrivelmente arruinados, que dominavam pátios sombrios e úmidos onde pobres rvores penam para desabrochar;³³ o liceu *Henri IV*, ao contrário, era um amplo conjunto arquitetônico harmonioso de grande influência, através do qual se estendiam jardins, pomares e um largo terraço arborizado; no liceu *Condorcet* havia também um jardim precedido por pequenas e recentes construções (1783), que circundavam um único pátio de recreação: o antigo claustro dos capuchinhos; já o liceu *Charlemagne* era uma construção regular de linhas rígidas, cuja demarcação ao fundo em áreas privava o estabelecimento de uma verdadeira fachada sobre a Rua *Saint-Antoine*.³⁴ Apesar destas diferenças, todos apresentavam numerosos traços em comum. A maior parte dos liceus franceses ficou por várias décadas constrangida a partilhar seu território com outros estabelecimentos públicos: museus, bibliotecas municipais, locais da justiça de paz, faculdades etc. cuja presença (às vezes no coração mesmo dos estabelecimentos) perturbava a vida escolar e contrariava toda a tentativa de organização racional destes locais. Desse modo, os reitores dos liceus não desistiram e obtiveram a saída destes vizinhos importunos entremeados por pretextos como a segurança dos alunos, a falta de lugar ou a simples regra de convivência. Evidentemente, os liceus de Paris não escaparam a tais situações. O antigo Colégio de *Plessis*, do qual dois terços foram conferidos ao liceu *Louis-le-Grand* por decreto imperial de 1804, foi ocupado pela Esco-

33 LE COEUR, op. cit., p. 67-68.

34 Até recentemente, o principal acesso ao Liceu *Charlemagne* consistia em uma longa e estreita passagem bloqueada entre a Igreja *Saint-Paul-Saint-Louis* e um imóvel, precedido por uma simples grade. Em 1865, ele permanece o menor liceu da França.

la Normal e, durante algum tempo, pela Faculdade de Letras e uma seÁ,,o da Faculdade de Direito;³⁵ a Biblioteca de *Sainte-Geneviève*, mantida nesse local apÙs a sua nacionalizaÁ,,o em 1790, privou o Liceu *Henri IV* de um andar inteiro, e a sacristia da Igreja *Saint-Paul-Saint-Louis* formava um enclave em volta do liceu *Charlemagne*.

Por quarenta anos, o governo n,,o deu atenÁ,,o ãs legítimas reclamações dos liceus parisienses e n,,o decidiu por um fim ãs queixas que foram geradas pelas v rias dÉcadas de coabitações. Em 1839, uma convenÁ,,o decide o conflito que opunha o liceu *Charlemagne* e os administradores da igreja adjacente; em 1841, uma lei proclama a mudanÁa da Escola Normal para um edifício novo (Rua *d'Ulm*)³⁶ e, três anos mais tarde, uma outra lei

FIGURA 1 - LICEU CONDORCET



35 Alguns anos antes, durante o período revolucionário, os alunos do *Louis-le-Grand* j tinham que partilhar seus espaÁos com a metade de um batalh,,o (1792-1793), depois uma pris,,o política (1793-1794), uma sala de trabalhos gerais (1794) e, por fim, com o ComitÉ Revolucionário da sess,,o do *PanthÉon* (1794) (DUPONT-FERRIER, G. *Du collÉge de Clermont au lycÉe Louis-le-Grand* (1563-1920). Paris: Bocard, 1921. Tome I, p. 328-329).

36 A entrega do novo edifício em 1847 levou a transferéncia da Escola Normal da Rua *Saint-Jacques*, mas, no dia seguinte ao da RevoluÁ,,o de 1848, o governo a substituiu pela efímera Escola de AdministraÁ,,o. Por esta raz,,o, somente em maio de 1849, o Liceu *Louis-le-Grand* ficar de uma vez por todas com o controle dos edifícios do *Plessis*.

determina a ida da Biblioteca de *Sainte-Geneviève* para o antigo local que abrigava o Colégio de *Montaigu*, localizado a duzentos metros do liceu *Henri IV*.³⁷ A coexistência destes atos não foi nem um pouco fortuita: a iniciativa em resposta ao ministro Abel-François Villemain, ao qual se deve também o primeiro texto regulamentando a organização, o material dos estabelecimentos secundários de ensino.³⁸

Por seus locais suscitarem ambições, nos anos seguintes, os liceus tiveram ainda que lutar para não serem pura e simplesmente expulsos.³⁹ Quanto a seus contornos, não foram inatingíveis e os mesmos tiveram que se submeter às transformações da cidade, abandonando os pequenos terrenos. Inspeção Geral das Ruas, por vezes em troca de novas ruas. Se o alargamento das vias resultava em pouco proveito para os estabelecimentos,⁴⁰ a abertura de novas ruas pôde, ao contrário, se revelar como salutar, como a Rua *Clovis* (1807), a Rua *du Havre* (1844) e o último pedaço da Rua *de Vaugirard* (1910) que permitiram assim a agilidade parcial dos liceus *Henri IV* (fachada norte), *Condorcet* (fachada oeste)⁴¹ e *Saint-Louis* (fachada sul).⁴²

37 A nova biblioteca foi construída entre os anos de 1843 a 1850 por Henri Labrousse. Seus antigos espaços não foram oficialmente reunidos ao Liceu *Henri IV* em 1853.

38 Indication des locaux nécessaires pour l'établissement d'un collège royal. 30 de maio de 1843. *Bulletin universitaire*, p. 132-134, 1843.

39 Dentre os projetos que não encontramos, citamos a transferência da Faculdade de Ciências nos edifícios do Liceu *Saint-Louis* (1849) ou sua reconstrução sobre o local do Liceu *Louis-le-Grand* (1879); a construção de uma basílica monumental nos terrenos do Liceu *Condorcet* (1853) e a substituição da Escola Politécnica ao Liceu *Henri IV* (1891). No Primeiro Império, os espaços do Liceu *Charlemagne* foram destinados às missões estrangeiras (1804-1806) e aqueles do Liceu *Henri IV* ao palácio da Universidade e à Escola Normal (1811).

40 Ao final de uma convenção assinada em 1844, o Liceu *Condorcet* sacrificou uma grande parte de seu jardim para permitir o alargamento da Rua *Saint-Lazare* e o loteamento de seus contornos. Nos anos de 1860, a fachada do Liceu *Saint-Louis* foi cortada por mais de cinco metros para respeitar o alinhamento do novo *Boulevard Saint-Michel*, que o prefeito Haussmann queria **substituir** a estreita e sinuosa Rua da *Harpe*. [C/ AUTOR: **substituir pela?**]

41 A Rua do *Havre* facilitava o movimento de carros nos arredores da nova estação, *Saint-Lazare*. Simultaneamente à perda de seu jardim (ver nota anterior), o Liceu *Condorcet* foi autorizado a se estender até a nova rua e a abrir uma porta sobre aquela. Vinte anos mais tarde, um verdadeiro edifício foi construído, o mesmo que abriga até hoje a entrada principal do estabelecimento.

42 Em troca dos terrenos que ele devia abandonar, o Liceu *Saint-Louis* obteve o direito de se estender em direção à Rua *Racine*, sobre o terreno dos antigos reservatórios municipais.

Um outro ponto que preocupou muito os liceus foram os imóveis de habitação, ou as simples casas ao seu redor, que impediam os raios de sol e abafavam as classes. Pior, certos prédios tinham vistas diretas para o interior dos estabelecimentos, o que podia causar sérias perturbações. O mais vulnerável dentre todos foi o liceu *Saint-Louis*, o mais novo e também o mais encurralado.⁴³ Mestres, domésticos e alunos deviam suportar as provocações e as piadas das prostitutas e dos estudantes que povoavam certos hotéis nos arredores. Não podendo fazer parar estes comportamentos subversivos, a administração decidiu pela colocação de uma grade de cinco metros rente às irregulares fachadas e o plantio adicional de árvores no espaço destinado a recreação.

Isolar-se

Ano após ano, a experiência provou de uma vez por todas todo o interesse que os estabelecimentos tiveram ao seu favor, uma vez por todas da totalidade de uma ilha. Infelizmente, todo o projeto de desenclavá-los tropeçou freqüentemente nos custos proibitivos das áreas limítrofes e, em 1865, menos de um sétimo dos liceus franceses estavam completamente isolados das construções particulares.⁴⁴

Uma etapa decisiva foi superada com a construção dos novos colégios *Chaptal* (1866-1876) e *Rollin* (1866-1877). Pela primeira vez em Paris, estabelecimentos de ensino secundário foram construídos *ex nihilo* sobre ilhotas quadrangulares, livres sobre todas suas faces; a amplitude do projeto geral, a regularidade e a racionalidade das distribuições, a ponderação das massas e o número e a extensão dos corredores, a multiplicação dos acessos se encaixavam perfeitamente às regras editadas pelo ministério

43 O Liceu *Saint-Louis* foi o primeiro de Paris (e um dos primeiros na França) a ter sido especificamente construído para este uso.

44 Sejam 12 estabelecimentos sobre 77: *Bar-le-Duc, Chateauroux, Coutances, Douai, Evreux, Grenoble, Lyon, Le Mans, Napoléon-Vendée (La Roche-sur-Yon), La Rochelle, Saint-Quentin e Vesoul*. Dos cinco primeiros liceus parisienses, um conseguiu se livrar totalmente: *Louis-le-Grand*, na véspera de sua reconstrução, em 1884.

rio, assim como as prescrições dos higienistas. Chegada à maturidade, a arquitetura escolar encontrou suas primeiras obras-primas modernas.

Como outras construções contemporâneas (os *Halles* centrais, a nova "pera), esses dois colégios se tornaram rapidamente modelos que, graças a uma grande difusão da imprensa profissional, suscitou infinitas variantes até a I Guerra Mundial. Em Paris, em especial, os grandes liceus de meninos *Janson*, *Montaigne*, *Buffon*, *Voltaire* e o novo *Louis-le-Grand*, orgulhosamente consagrados como imponentes monumentos urbanos, cujas fachadas formavam muralhas que, de todos os lados, preservavam os espaços de recreação de todo o contato externo.

Associado por vezes a abertura de novas vias,⁴⁵ os novos liceus contribuiriam, doravante, para o embelezamento, mas também ao crescimento

FIGURA 2 - LICEU JANSON



45 O Liceu *Montaigne* ocupou uma parte do antigo canteiro do Jardim de *Luxembourg*, cujo loteamento foi feito no final do Segundo Império; o Liceu *Voltaire* aproveitou-se do prolongamento da Avenida da *République* e o primeiro local destinado para o Liceu *Buffon* deveria permitir aquele da Avenida *Duquesne* até o *Boulevard des Invalides*. Quanto ao Liceu *Louis-le-Grand*, sua reconstrução permitiu o alargamento das Ruas *Saint-Jacques* (a leste) e *Cujas* (ao sul). Em certos casos, a abertura de uma rua nova tinha outra finalidade senão afastar as habitações do novo liceu: assim a Rua de *Stal* (atrás do Liceu *Buffon*) e a Rua *Spinoza* (sobre o lado direito do Liceu *Voltaire*) foram, em sua origem, simples vias de isolamento abertas à circulação.

de seus respectivos bairros, levando consigo um grande número de famílias burguesas.⁴⁶ Diferente de seus antecessores, eles concorrem ao dinamismo da cidade. Um mês antes do funcionamento do liceu *Janson-de-Sailly*, em 23 de agosto de 1884, o jornal *Le Temps* observou que se podia, sem exagero, contar duzentos e cinquenta a trezentas novas residências em um raio de quatrocentos metros em volta do liceu, fenômeno que se reproduziu alguns anos mais tarde nos locais do liceu *Buffon* como naqueles do liceu *Lakanal*.⁴⁷ Como escreveu Gustave Dupont-Ferrier a propósito do *Buffon* e do *Janson*, o bairro feito tanto para a fortuna do liceu, como o liceu para a fortuna do bairro.⁴⁸

Curiosamente, os liceus para meninas não obedeceram às mesmas regras, pois a raridade e o custo elevado dos terrenos no centro de Paris privavam a administração de vastas ilhotas, assim como o governo desejava fazer dos estabelecimentos construções mais modestas e de caráter familiar. Exceto o liceu *Molière* não o mais masculino dentre eles não, os liceus de meninas aparentavam amplas residências burguesas, encaixadas entre imóveis e abertas sobre vias secundárias, ao abrigo do tumulto da cidade. Nestes casos, somente constata-se que os arquitetos não apresentaram condições muito favoráveis: os liceus *Fénelon* e *Lamartine* são fundados em edifícios de antigos hotéis particulares, dos quais uma parte mais ou menos importante foi conservada *in fine*; o liceu *Racine*, que sucede a uma antiga e sombria construção, foi construído sobre uma rua muito estreita e pouco favorável, em contra-altura da Rua do *Rocher*; quanto ao liceu *Victor-Hugo*, localizado na passagem entre as dependências do Museu

46 Por volta de 1875, os pais ainda hesitaram em se fixarem nos bairros que seus filhos deveriam se afastar para procurar se instruir em estabelecimentos do Estado (DUPONT-FERRIER, G. *Les écoles, lycées, collèges, bibliothèques. L'enseignement public* ¶ Paris. Paris: Laurens, 1913. p. 199). [C/ AUTOR: ...se fixarem nos bairros de que (ou dos quais) seus filhos deveriam se afastar?]

47 Em 4 de abril de 1892, um rumor insidioso pretendia expulsar o Liceu *Lakanal* para dar lugar à Escola Politécnica. Seu diretor escreveu a seguinte carta ao vice-reitor Gréard: Os professores do liceu que têm uma classe todos os dias alugam apartamentos em Bourg-la-Reine ou em Sceaux e movimentam assim os negócios dos proprietários, assim como seus diversos fornecedores; alguns têm pensionatos em suas casas. Há famílias já instaladas na vizinhança do liceu que não habitariam ali se o liceu fosse suprimido, pois eles vêm a Bourg-la-Reine ou a Sceaux unicamente para colocar seus filhos em nosso liceu.

48 DUPONT-FERRIER, 1913, op. cit., p. 207.

Carnavalet e a antiga Biblioteca Histórica da Cidade de Paris (*Hotel Lepeletier de Saint-Fargeau*), teve que incluir um passadiço no primeiro andar para religar estas duas instituições municipais.

Aumentar

Que eles tenham sido construídos ou não, para um uso escolar, que eles fossem fechados ou perfeitamente isolados, todos os estabelecimentos deviam seguir os progressos da higiene, adaptar-se pouco a pouco a especialização dos espaços de ensino e fazer face ao constante aumento de sua população, que se impôs freqüentes desdobramentos de classes. A exemplo dos edifícios hospitalares, estes edifícios estavam condenados a constantes ajustes.

De maneira recorrente, os liceus procuravam esconder a carência de locais. Vários modos de extensão, que podiam variar segundo a época e as disposições individuais se ofereciam a eles, o que nos leva, portanto, estudar caso a caso. Muitas vezes, a extensão ou a configuração de seus terrenos não edificadas não jardins ou espaços de recreios não permitiu novas construções dentro dos limites da área (*Condorcet, Henri IV, Michelet, Lamartine, Carnot, Jules-Ferry*); quando isto não foi possível, pôde-se excepcionalmente, considerar a aquisição de propriedades contíguas (*Racine, Buffon*) ou o aumento dos edifícios existentes, com o risco de sobrecarregá-los e de agravar os espaços de recreios (*Condorcet...*).

Em certas épocas, todavia, os liceus estiveram impossibilitados de se expandir por mais tempo. Foi assim no início de 1880, simultaneamente com a convergência de um número considerável de alunos e a aplicação do novo plano de estudos de ensino secundário. O liceu *Louis-le-Grand* e o *Saint-Louis* foram forçados a construir com urgência conjuntos de construções provisórias no meio dos espaços de recreios, e o liceu *Condorcet*, cujos locais estavam mais que saturados, teve que alugar uma série de lojas na Rua de *Rome* para abrigar sua divisão elementar e requisitar a sala do chefe de disciplina escolar e do diretor para ali fazer uma classe! Na incapacidade de responder de maneira satisfatória a estas necessidades imperiosas, a administração vai encorajar a criação de anexos: os *pequenos liceus*.

Os pequenos liceus

H muito tempo, a administração se preocupava particularmente com as crianças, porque elas demandavam cuidados próprios à sua idade e delas dependeria o aumento numérico e a qualidade da população dos estabelecimentos nas classes superiores. O recrutamento dos liceus se fazia pela base. Também os edifícios deveriam, ao menos em teoria, ser arrumados de maneira a impedir qualquer comunicação entre os alunos de idades diferentes, para evitar que os mais velhos pervertessem seus colegas mais novos por suas maneiras maldosas.⁴⁹ Assim como os médios e os grandes, os pequenos liceus deveriam dispor de seu próprio *bairro*, com espaços de recreios, dormitórios, salas de aula e estudos, e, quando as dimensões da área o permitiam, um edifício especial, separado das outras construções, deveria lhes ser atribuído.⁵⁰

Os pequenos liceus, construídos sob a III República (1870-1940), diferem de seus antecessores pois, levados para um novo local, eles não tinham somente o objetivo de manter a uma certa distância as crianças menores; eles deveriam primeiramente reduzir o acúmulo dos velhos liceus (pequeno liceu *Condorcet*, 1882; pequeno liceu *Louis-le-Grand*, 1885) e, em alguns casos, procurar aqueles que possuíssem cursos de recreação, ginásio coberto ou o externato controlado, que faziam falta (pequeno liceu *Charlemagne*, 1877; anexo do liceu *Fénelon*, 1912). A criação de tais anexos foi evidentemente problemática.

A aquisição de um terreno que estava separado do estabelecimento principal somente por uma rua calma e pouco frequentada (o que tornou inofensivas as múltiplas idas e vindas) pareceu ser uma solução aceitável, experimen-

49 Cf. THIÉRY, A. *Révoltes de lycées, révoltes d'adolescents au XIXe siècle. Histoire de l'éducation*, n. 89, p. 59-93, jan. 2001.

50 A divisão do estabelecimento em vários bairros foi conforme o que se praticava na mesma época nos hospitais e prisões. Em 1868, 13 liceus dos departamentos e um único liceu parisiense tiveram pequenos liceus totalmente isolados do restante do estabelecimento: *Amiens, Angers, Bourges, Douai, Laval, Limoges, Metz, Moulins, Nancy, Orléans, Rouen, Tours, Versailles* e *Henri IV* (desde 1857).

tada em outras Èpocas ou em outros lugares;⁵¹ adotada pelo liceu *Charlemagne* e pelo liceu *FÈnelon* mais estranhamente julgada inadmissível pelo liceu *Buffon* ã no qual faltava, desde 1889, um terceiro curso de recreaÁ,,o ã, esta disposiÁ,,o permitiu um simples complemento das instituiÁies existentes. Isto ocorreu diferentemente para os pequenos liceus *Condorcet* e o *Louis-le-Grand*, pois alguns metros os separam de suas respectivas casas-m,,es

Em raz,,o da pen'ria dos terrenos alien veis a seus acessos imediatos, a administraÁ,,o foi obrigada a duplicar literalmente os *grandes* liceus; desde que, seus anexos beneficiassem ã em mais salas de aula e de estudos, e eventualmente dormitórios ã de seus pr'prios locais administrativos, de um parlat'rio, cozinhas e refeit'rios, um gin sio coberto e, no caso even-

FIGURA 3 - LICEU MONTAIGNE



tual, de uma capela, em suma de todos os espaÁos que compiem o liceu aut'onomo. TambÈm estes estabelecimentos tinham de *pequeno* somente a denominaÁ,,o: o *pequeno* liceu *Condorcet* È mais espaÁoso que os futuros

51 Durante v rios sÈculos, o ColÈgio de *Harcourt* se prolongava de uma parte e de outra da Rua da *Harpe* e, sob o Segundo ImpÈrio, trÊs liceus dos departamentos foram igualmente separados em dois por uma rua (em *Bordeaux*, *Lyon* e *NapolÈon-VendÈe*). Na maioria dos casos, uma passagem subterr nea e/ou uma galeria na altura do primeiro andar permitia a comunicaÁ,,o entre os dois edifícios.

liceus *Racine* e *Victor-Hugo*, e o pequeno liceu *Louis-le-Grand* È apenas menor que o *grande* liceu da Rua *Saint-Jacques*!

Nada de surpresa, alguns dentre eles conquistaram rapidamente sua independência; em 1891, perto de 30 anos após ter perdido seu anexo de *Vanves*, o liceu *Louis-le-Grand* se desfez de seu pequeno liceu e, em 1893, o hotel particular do *Faubourg-Poissonnière*, onde o liceu *Racine* instalou as classes que lhe faltavam e, por conseguinte, liberou-se de sua tutela original. Os liceus *Michelet*, *Montaigne* e *Lamartine* inauguraram a proliferação dos estabelecimentos secundários (e em breve dos estabelecimentos universitários) por segmentação.⁵² Qualificado, desde 1863, o liceu *Louis-le-Grand* de *metrópole que funda colônias*, M. Drouyn de Lhuys estava sem vida longe de imaginar que profetizava!⁵³

O bairro

Encorajada pelas famílias, a administração foi responsável e ficou atenta ao que se passava nos arredores dos liceus e em seus contornos imediatos. Em primeiro lugar, ela se dedicava em manter à distância os estabelecimentos insalubres, perigosos ou barulhentos. Se a construção dos reservatórios municipais, cercando um dos espaços de recreio do liceu *Saint-Louis* e um mercado coberto atrás do pequeno liceu *Charlemagne*, não puderam ser evitados, por pouco que o liceu *Michelet* não se avizinhou com uma fábrica de sabão, uma usina de depuração para vela ou um cemitério, e que o liceu *Buffon* não sofreu com a proximidade de um ateliê de debulha de grandes tapetes e o liceu *Montaigne*, de uma parede meia com a Associação dos estudantes, cujo potencial subversivo arriscava contaminar a população pré-adolescente do estabelecimento.

A atenção da administração se exercia tanto sobre o comércio, como também com a venda de bebidas nas proximidades. Sobre o Império, v ri-

52 Este modo de reprodução se espalhou particularmente após a Segunda Guerra Mundial. Assim, o Liceu *Rodin* foi fundado em 1960, na XIII Circunscrição Administrativa, mas teria sido construído quatro anos antes, como anexo do Liceu *Montaigne*.

53 *Bulletin administratif du ministère de l'Instruction publique*, 1864 (II). p. 81.

os *caf es* de Paris, assim como uma boutique de frutas e doces da Rua de *Vaugirard* foram colocadas sob vigilância do prefeito de polícia, pois se viu entrar nestes locais alunos uniformizados dos liceus. Na mesma época, a passagem do *Havre*, com uma reputa o de local de deprava o, pois os alunos do liceu *Condorcet* se reuniam neste local antes de entrar em classe e podiam ali procurar guloseimas, imagens licenciosas, romances libertinos ou panfletos políticos.⁵⁴

Mas a moral das crianças não foi a única preocupa o da administra o, que se inquietou igualmente com os professores e sobretudo com os mestres de estudos que residiam nos liceus e freqüentemente eram tentados a procurar distra o fora, em locais onde eles comprometiam a *dignidade de suas fun es*. Tamb m, por falta de poder regulamentar seus momentos de lazer, procurou-se desvia-los dos *caf es* e dos *cabarets*, oferecendo-lhes dentro dos estabelecimentos, espa os de estudo, verdadeiros locais de sociabilidade, que buscavam melhorar suas condi es de trabalho, permitindo exercer sobre eles uma vigilância tanto eficaz quanto dissimulada: a partir de 1838, uma sala de leitura, *convenientemente mobiliada e aquecida para as aloca es do col gio* e aberta das 10 h às 22 h. Posteriormente foram utilizadas como sala de reuniões, jogos e salão de leitura. Tais salas aparecem nos liceus parisienses, primeiro no *Henri IV* (1865), depois no *Michelet* (1869), *Janson* (antes de 1892) e no *Voltaire* (1893).

54 Fora dos estabelecimentos, estando por vezes livres, os **externos** [c/autor: **internos?**] podiam se reencontrar nos recantos ocultos da cidade próximos aos liceus, escapando assim da vigilância dos adultos. Os alunos do pequeno Liceu *Condorcet* estabelecem seu próprio *quartel general* na *cit  Monthiers*:  o seu local de greve, uma espécie de praça da Idade Média, de corte de amor, dos jogos, dos milagres, de local de contrabando de selos e bolas de gude, de recanto oculto onde o tribunal julga os culpados e os executa, onde se conspiram estas brincadeiras que chegam em classe cujos preparativos espantam os professores (COCTEAU, J. *Les Enfants terribles*. 1929. Paris: B. Grasset, 1985. Reedi o, p. 15-16).

A via pública

Divididos entre o desejo de ser afastado do tumulto da cidade e a necessidade de se ter um acesso fácil, os estabelecimentos mantiveram relações equívocas com a via pública. Nos primeiros tempos, o estreitamento das ruas que os circundavam podia entrar o estacionamento dos carros nas horas em que circulavam os alunos;⁵⁵ foi o caso da Rua dos *Postes* (Lhomond) ou Rua *Saint-Jacques* em frente aos antigos colégio *Rollin* e liceu *Louis-le-Grand*.⁵⁶ Mais tarde, alguns dentre eles foram incomodados pela agitação dos *Boulevards Saint-Michel* (*Saint-Louis*) e *Pasteur* (*Buffon*).

FIGURA 4 - LICEU SAINT-LOUIS



55 Segundo Vallès, o colégio Real do *Le Puy* ise deu como todos os colégios, como todas as prisões, em uma rua obscura (VALLÈS, J. *L'Enfant*, 1879. Paris: Le Livre de Poche, 1985. Reedição, p. 39).

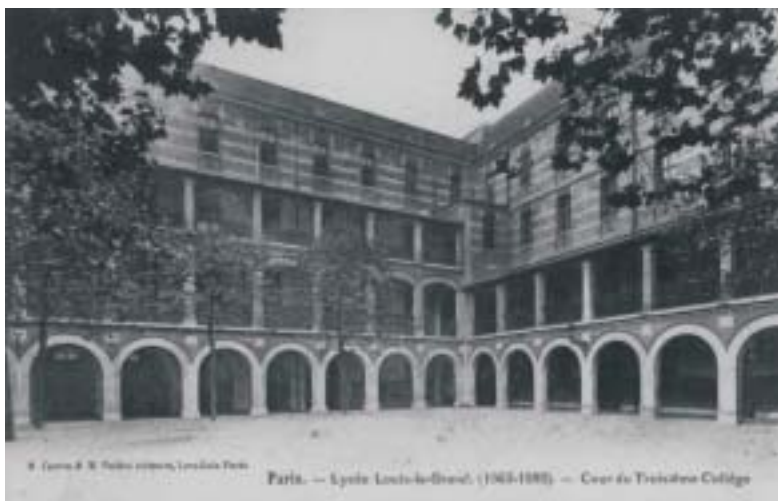
56 Em 1839, a municipalidade consente enfim em abrir uma praça em frente ao Liceu *Louis-le-Grand*, ao fim da Rua *Gerson*. Cinquenta anos mais tarde, o desaparecimento da Praça *Gerson* (absorvida pelos edifícios da nova *Sorbonne*) ser compensado pelo alargamento da Rua *Saint-Jacques*.

O barulho e as trepidações ocasionadas pela circulação eram nocivos, quando se procurava uma calma propícia ao estudo, no qual se podia conduzir experiências científicas.

Embora todos os arquitetos não pressentissem o incômodo real que poderiam experimentar professores e alunos, porque eles não examinaram suficientemente os acessos dos estabelecimentos não tarefa pela qual estavam encarregados, acabando por adotar distribuições prejudiciais à vida escolar.

Nos anos de 1880, resgata-se o recurso de galerias cobertas sobrepostas, cuja implantação, sobre o contorno dos espaços de recreio impôs a necessidade de abrir salas de estudos ao longo da via pública, ao contrário do que se praticava nas escolas primárias. Este agenciamento, que resultou notadamente da conjunção de determinações higienistas (dar uma dupla ventilação a todas as peças, como nos edifícios hospitalares) e constrangimentos disciplinares (poder cuidar de um mesmo ponto de todos os movimentos dos indivíduos, como na arquitetura carcerária) foram muito requisitadas pelos arquitetos escolares, ao ponto de se tornar uma especificidade dos liceus e colégios *julesferriens*. Em Paris, o novo liceu *Louis-le-Grand*, o pequeno *Condorcet*, e os liceus *Janson*, *Lakanal*, *Montaigne*, *Molière* e *Buffon* deram magníficos e, por vezes, espetaculares exemplos de desenvolvimento.

FIGURA 5 - LICEU LOUIS-LE-GRAND



Esta parte do *claustro decorativo* (como o chamava pejorativamente um de seus detratores) foi condenada por certos arquitetos que o criticavam como inadequada ao clima parisiense, que expunha os alunos ao frio, ao vento e às chuvas oblíquas quando saíam da classe; por outro lado, a lateralidade da sala junto à rua prejudicava a serenidade dos estudos. Esta última reprovação, porém, é justificada. Em alguns casos, a passagem de carros abaixo das salas de aula ocultava a voz dos professores e impedia que se abrissem as janelas em dias de sol, durante a lição.

Desse ponto de vista, o liceu *Buffon* foi sem dúvida o mais importunado de todos os liceus de Paris, pois seu arquiteto colocou vinte novas

FIGURA 6-LICEU BUFFON



salas de aula e de estudos margeando as vias mais movimentadas que eram o *Boulevard Pasteur* e a Rua de *Vaugirard*!⁵⁷ À véspera de sua abertura, antecipando as reclamações dos professores, o diretor conseguiu a substituição do pavimento da rua, que era de pedra, por um de madeira ou de

57 Construído no mesmo tempo, o Liceu *Voltaire* adotou o partido inverso: desviando da rua todos os espaços escolares. Um simples corredor circundava o edifício, exceto o do edifício principal na Avenida da *Republique*, onde o arquiteto colocou apenas quatro salas de classe e dois anfiteatros.

macadame. Contudo, este melhoramento realizado antes dos demais estabelecimentos parisienses não ensurdeceu o alarido da circulação, provocado pelo funcionamento provisório, em 1906, de uma linha do metrô de superfície, sobre o terreno central do *Boulevard Pasteur*, o que arruinou definitivamente todas as esperanças de tranquilidade.⁵⁸

Um outro inconveniente participou deste dispositivo. Ainda que os alunos estivessem em aula, podiam se distrair pela animação das ruas e pela curiosidade dos transeuntes. Assim, as regulamentações recomendavam não localizar as salas de aulas e estudos no térreo. Se não havia outro modo, os edifícios deveriam ser construídos recuados do alinhamento e precedidos de uma grade da qual se poderia plantar flores ou arbustos.

Fugir da cidade: o sonho dos liceus no campo

O projeto de transferir os liceus, ou ao menos uma parte dentre eles, para a periferia das cidades foi resultado de um longo processo, cuja origem foi diretamente ligada à mediocridade das condições de instalação primitivas dos estabelecimentos. Já em 1776, o governo havia intencionalmente fundado, no campo, uma rede de doze pensionatos (as escolas reais militares), decisão inovadora, mas que se reservava somente a algumas centenas de alunos o benefício da vida ao ar livre. Volta a aparecer no II Império e depois na III República a tentativa de generalizar esta fórmula, de erigi-la como um sistema. Influenciado pelas maneiras inglesas, este plano tomou igualmente seu recurso em uma reflexão mais geral sobre os locais que convinham daquele momento instituir *extra muros* a certos estabelecimentos comunitários. Em Paris, em particular, inúmeros problemas foram apresentados para a sua inserção na cidade, a densificação do tecido urbano, a rarefação e a carestia dos grandes terrenos para construção.

58 — Ele nos lembra do suplício dos professores obrigados a lutar em alta voz com o trovão do metropolitano que avança fora da terra em frente ao liceu, para lançar aos quatro ventos do céu seu barulho de ferragem. / ... verdade que os trens passam de três em três minutos, mas como os trens se cruzam, tem-se por vezes um minuto e meio de tranquilidade? (DUPONT-FERRIER, 1913, p. 208-209).

Em algumas vezes se elevaram para reclamar o distanciamento em direção, aos arredores da cidade para as populações mais frágeis fisicamente e moralmente, as mais improdutivas também: os velhos, os doentes, os conalescentes... e os alunos dos liceus.

Um motivo para passear

Em todo tempo, os colégios procuraram fora dos muros da cidade a natureza que eles não podiam encontrar nas suas proximidades. Propriedade da Universidade de Paris, o *Prê-aux-Clercs* foi assim durante muitos séculos, o objetivo de passeio comum a todos os bolsistas e pensionistas da capital, mas a freqüência e a gravidade dos incidentes que ali se produziam regularmente, terminaram por conduzir a perda desta longa faixa de terra que se estendia ao longo do rio Sena, adiante da *Pont-Neuf*.

Em dias de feriado, os passeios se faziam em diferentes pontos da cidade, em grupos dispersos com o risco de submeter as crianças a encontros indesejáveis com livros perigosos e imagens obscenas apresentadas nas vitrines das butikues, as tentativas dos comerciantes ou ao ar viciado das ruas parisienses.⁵⁹ Em 1767, desejando fazer cessar as desordens causadas pelos alunos dos colegiais, o governo considerou a compra de um vasto terreno onde todos poderiam estar de novo reunidos, em *Montparnasse*, nos arredores do *Saint-Marcel* ou através da *Salpêtrière*, mas a lembrança dos confrontos do *Prê-aux-Clercs* causou o abandono do projeto.⁶⁰ Os estabelecimentos deveriam então se arranjar sozinhos, a exemplo do colégio *Louis-le-Grand* que muito tempo dispunha de sua própria *casa de campo*, em *Issy* (c.1585-1595) depois em *Gentilly* (1631-1764) ou a Comunidade de *Sainte-Barbe*, cujo domínio, igualmente em *Gentilly*, foi conquistado por volta de 1740.

59 / MOND, G. *Histoire du collège de Louis-le-Grand depuis sa fondation jusqu'en 1830*. Paris: Durand et Loisel, 1845. p. 261; BOUQUET, op. cit., p. 410.

60 BOUQUET, op. cit., p. 410-412.

Os anexos campestres

Em 1787, enquanto ninguém havia pensado ainda em fazer uma jornada com os alunos no campo por mais de um dia, a comunidade de *Sainte-Barbe* decidiu transferir permanentemente para esta localidade as pequenas classes que não podia abrigar em seus locais do *Quartier Latin*.⁶¹ A separação de um mesmo estabelecimento em dois locais distintos, afastados por alguns quilômetros, e a criação de um grupo de noviciado campestre constituíram uma experiência inédita, tão qual a Revolução pôs fim quatro anos mais tarde. Mas a ideia faz seu caminho: sob a Restauração, um chefe de instituição, M. Morin, e um mestre de pensão, M. Savary, fundam anexos respectivamente em *Fontenay* e em *Passy*.

Não se trata mais, desta vez, de responder a muitas necessidades pragmáticas, mas em melhor considerar a questão sob o ângulo pedagógico ou profilático.⁶² Mesmo que efêmeras e isoladas, estas ações testificaram a propagação dos preceitos higienistas,⁶³ que demonstravam uma desconfiança crescente em relação à vida na cidade. E dali em diante, foi admitido que o espaço e o ar puro eram indispensáveis às crianças, que as retirando do *torpor das fadigas do claustro*,⁶⁴ do tumulto da cidade, com suas ruas obstruídas e suas indústrias, as fortaleciam, favoreciam suas crenças e preveniam suas doenças.

61 QUICHERAT, J. *Histoire de Sainte-Barbe*. Collège, communauté, institution. Paris: Hachette, 1862. t. 2, p. 377-378.

62 QUICHERAT, J. *Histoire de Sainte-Barbe*. Collège, communauté, institution. Paris: Hachette, 1864. t. 3, p. 321.

63 Em 1838, um médico e um professor *bordelés* escrevem que a necessidade de colocar harmonia na educação física e intelectual da infância é profundamente sentida desde muito tempo. Após lamentarem que os planos estudados até então fracassaram na prática, eles recomendaram a criação, primeiro em Paris, em seguida nas localidades favoráveis para cada academia, de um estabelecimento especial no qual os cuidados intelectuais seriam completamente subordinados aos cuidados higiênicos, dietéticos e médicos, e isso ao contrário do que existe em todos os colégios (POUGET; VALAT. [autor: iniciais] *Plan d'organisation hygiénique et médicale pour les collèges royaux*. Bordeaux: [s. n.], 1838. p. 3-21). A ginástica escolar fez sua aparição um pouco cedo sob o impulso do coronel Amoros, primeiro na instituição *Durdan* (1818), depois nos liceus de internos de Paris: no Liceu *Louis-le-Grand*, em 1829, no *Henri IV*, em 1831, e no *Saint-Louis*, em 1836.

64 BAUDELAIRE, C. *Le père de Sainte-Beuve*. 1843. [autor: restante]

Desde 1840, M. Pierrot foi o primeiro reitor (de liceu) a propor o distanciamento de seu *pequeno colégio* até uma propriedade que possuía o liceu *Louis-le-Grand* em *Vanves*.⁶⁵ Mesmo com a aprovação do ministro Villemain, o projeto não foi realizado imediatamente, mas nos edifícios de *Plessis*, cujo estabelecimento instalou crianças de 9 anos em diante. Frequentemente, sobre este ponto somado a outros, as iniciativas privadas anteciparam a ação da administração e, em alguns anos se esgotaram, antes que jovens dos liceus fossem autorizados a gozar de maneira permanente dos benefícios do campo: em 28 de junho de 1853, um ano após que o colégio *Sainte-Barbe* inaugurasse sua nova sucursal (*Sainte-Barbe-des-Champs*), na antiga propriedade da instituição, o *Morin* em *Fontenay*, uma decisão ministerial decidiu transferir a divisão elementar do liceu *Louis-le-Grand* para *Vanves*. As famílias aprovaram esta melhoria. Como poderia ser de outro modo? Em *Vanves* tudo comprovava que um pequeno colégio podia ser um jardim, mas não caserna ou prisão.

Com o grande sucesso desta importante reforma, o ministro da Instrução Pública recomenda, oito anos mais tarde, a todos os estabelecimentos do país: nas grandes cidades, onde o ar e o espaço são raros, é de se desejar que o pequeno colégio forme uma sucursal completamente distante e localizada no campo.⁶⁶ Assim, depois dos liceus de *Bordeaux* (1859) e de *Montpellier* (1860), os estabelecimentos de *Marseille* (1863) e de *Lyon* (1864) abriram seus anexos campestres.⁶⁷ Enfim, para estender suas vantagens a um maior número de alunos, o governo declarou a *maison de Vanves* comum a três liceus de internos da capital (1863) antes de pronunciar sua emancipação e de fazer o 6º liceu parisiense, sob o patronato do pequeno Príncipe Imperial, com oito anos (6 de agosto e de 17 de setembro de 1864); o Ministro Victor Duruy pode então elogiar com orgulho o estabelecimento mais completo e melhor organizado, neste gênero, que existe na Europa.⁶⁸ Naquela ocasião, na qual a edilidade multiplicava os jardins públicos no coração da capital e transferia

65 Trata-se da antiga propriedade dos duques de *Condé*. **Adquirida** pelo atual Liceu *Louis-le-Grand* desde 1798, o domínio seria transformado, em 1836, à custa de algumas mudanças, na residência de veraneio dos pensionistas que não passavam as férias com os pais. **[VER: Adquirido?]**

66 *Lycées impériaux*. Programme pour les bâtiments. 1861. Projet.

67 Na mesma época, os liceus de *Nantes*, *Nômes*, *Orléans*, *Poitiers* e *Reims* possuem igualmente propriedades no campo, mas sem um verdadeiro anexo.

68 *Statistique de l'enseignement secondaire en 1865*. Paris: Imprimerie impériale, 1868. p. 127.

v rios hospícios e casas de repouso para os sub'rbios,⁶⁹ o movimento iniciado por duas vezes pelo Colégio *Sainte-Barbe* conheceu seu apogeu.

Externatos nas cidades/internatos no campo

O entusiasmo para os liceus rurais n, o se enfraqueceu nos primeiros anos da III República. Ao contrário, vozes mais e mais numerosas reclamavam que este aperfeiçoamento, cessando de ser apanhio dos liceus os mais jovens, fosse dali em diante aplicado a todas as faixas etárias e que o liceu de *Vanves*, em particular, fosse transformado em um estabelecimento em pleno exercício.

Os arquitetos subscreveram a estes ideais como em testemunho ao acolhimento favorável que encontram nas publicações profissionais dos projetos dos liceus no campo, que dois dentre eles não Lanck em 1873 e Degeorge em 1877 não estudaram por sua própria iniciativa. Mas, até 1880, os estabelecimentos de ensino privado investiram sozinhos nos sub'rbios parisienses de *Saint-Germain*, *Vincennes* ou *Fontenay-sous-Bois*, *Nogent* ou *Saint-Mandé*, onde se encontravam ainda incomparáveis condições de salubridade e de tranquilidade, assim como vastas propriedades cujo o preço para a compra era muito menor em comparação, ao custo dos terrenos no centro de Paris.⁷⁰

Enfim, a administração de Jules Ferry decidiu satisfazer a opinião pública; assim fazendo, ela esperava também por fim a crise que então atravessava o internato. Em sua memória sobre *L'Enseignement secondaire à Paris en 1880 (O Ensino Secundário em Paris em 1880)*, o vice-reitor Gréard reconhece voluntariamente, após vários autores, que o aquartelamento dos alunos poderia ser vicioso, tanto no ponto de vista dos costumes como de higiene ou de educação. Mas o regime de internato, se não constitui a melhor das instituições foi ao menos uma instituição indispensável que, em razão de sua

69 Após dois asilos imperiais, foram fundados em *Vincennes* (1857) e em *Vésinet* (1859), a instituição *Sainte-Péline* e o hospício dos *Ménages* mudam respectivamente para *Auteuil* (1862) e em *Issy* (1863), e os hospícios dos incuráveis homens e mulheres, reagrupados em *Ivry* (1868).

70 Em 1881, o preço do metro quadrado em *Sceaux* era de 2,60 francos (Liceu *Lakanal*: 255.000 francos para 98.268 m²) ainda que em Paris, ao norte da estação *Saint-Lazare*, o metro quadrado custava 486,30 francos, ou seja, 187 vezes mais caro (pequeno Liceu *Condorcet*: 1.400.000 francos para 2.878,85 m²).

prática secular, não seria modificada em um dia.⁷¹ Também, tomando por modelo os colégios ingleses, propunha transferir todos os futuros liceus de internos para o campo: "Nós teremos feito um passo considerável, quase decisivo, no dia em que for criado mais internatos fora das cidades. (...) Em Paris mesmo, é o externato somente que procura se desenvolver."⁷²

A partir de 1881, os regulamentos oficiais sobre a instalação dos liceus e colégios ratificaram a proposição de Octave Gréard.⁷³ Embora, após alguns anos, um certo Maneuvrier denuncia a inércia dos poderes públicos, que ele acusava, com uma má-fé manifesta, de não ter ainda nenhum projeto para curar esta velha enfermidade nacional que são os internatos escolares e de permanecer surdos à cruzada dos médicos e dos moralistas contra os liceus da cidade! Os fatos parecem lhe dar razão: "Construí-se ou se reconstruiu na província, desde 1870, mais de quarenta liceus ou colégios. Somente no exercício de 1886-1887, inaugurou-se onze. Quantos vocês acreditam que se construiu no campo? Nem um só!"⁷⁴ A constatação foi fundamentada, mas o governo não seria acusado de carência. Não se levantou a especificidade infantil do atual liceu *Michelet* (1881) e fez-se construir o liceu *Lakanal* (1885), que os contemporâneos consideravam um justo título como o mais moderno, o mais arborizado, o mais inglês também dos liceus franceses? O balanço foi contudo sustentado e bem longe dos objetivos da administração.⁷⁵

71 GRÉARD, O. *L'Enseignement secondaire à Paris en 1880*. Paris: Delalain, 1880. p. 15-16.

72 *Ibid.*, p. 16-17. Nos anos seguintes, a administração criou três liceus para os externos em Paris: *Buffon* e *Voltaire*, depois *Carnot*. Somente os dois liceus em pensionato (*Janson* e o pequeno *Louis-le-Grand*, atual Liceu *Montaigne*) gozavam da vizinhança próxima de dois grandes espaços verdes: o *Bois de Boulogne* e o Jardim de *Luxembourg*. Quanto aos liceus de meninas, estes foram todos externatos, exceto o do Liceu *Victor-Duruy*, onde um verdadeiro parque foi substituído pelo tradicional espaço de recreio.

73 "Em alguns centros importantes, notadamente em Paris, pode-se instalar no interior das cidades dos liceus recebendo meio pensionista e externos (...), e, no campo, liceus destinados unicamente aos pensionistas e aos meio-pensionistas" (Nota relativa às condições de instalação dos liceus e colégios, 1881). Do mesmo modo, a partir de 1881, o governo fundou vários estabelecimentos de formação de professores do primário e do secundário no subúrbio sul de Paris: em *Sèvres*, *Saint-Cloud*, *Fontenay-aux-Roses* e *Sceaux*.

74 MANEUVRIER, E. *L'Éducation de la bourgeoisie sous la République*. Paris: L'Époux Cerf, 1888. p. 264.

75 Para a única academia de Paris, Gréard projetou a fundação de três internatos: em *Drancy* ou em *Dugny* (a nordeste), em *Saint-Mandé* (a sudeste) e nos confins de *Neuilly* (a oeste), que, com o Liceu de *Vanves* (ao sul), circulavam a cidade de Paris.

FIGURA 7 - LICEU LAKANAL



Por que uma medida t, o salutar n, o teve o sucesso que era de se esperar? a obstinaÁ, o das cidades da provÍncia de fundar liceus ou colÈgios nos bairros mais populosos se explicava pelo receio de n, o poder transferir para o campo um grande contingente de alunos, ent, o, tal medida se fazia para assegurar a viabilidade do estabelecimento; quanto ‡quelas que j possuÍam um liceu, as cidades receavam, sem d' vida, em criar um segundo na periferia, cuja construÁ, o certamente sobrecarregaria as finanÁas municipais e cuja utilidade no plano local n, o se fazia sentir. Mas o principal entrave residiu na crise do internato que n, o parecia acabar. ApÙs tÍ-los reclamados, as famÍlias foram brutalmente direcionadas para os liceus rurais: construÍdo para acolher 700 alunos em mÈdia, majoritariamente pensionistas, o luxuoso liceu *Lakanal* recebia menos de 400 alunos ao final do sÈculo, antes de conseguir atingir penosamente o n' mero de 672 alunos, dos quais 292 eram internos (43,4%), ‡ vÈspera da I Guerra Mundial; ao mesmo tempo, apÙs uma afluÍncia recorde em 1885 (1009 alunos), o liceu *Michelet* viu seu efetivo diminuir ‡ metade passando a sua populaÁ, o de internos de 93,2% para 45,8%... Os dois estabelecimentos deveriam servir de modelo para os novos liceus, posto que ficaram como experiÍncias excepcionais sem futuro: o sonho dos internatos no campo era recente, vÍtima das dificuldades de sua realizaÁ, o e da mudanÁa de mentalidades.

A pacífica, o

A secularização do corpo docente e o declínio dos internatos escolares exerceram uma influência decisiva sobre o processo de reconciliação dos liceus com seu meio. Pois, não desagradavam alguns contemporâneos.⁷⁶ Os liceus da III República diferiam de seus antecessores napoleônicos, os quais mantêm algo da caserna e do convento; por muito tempo lugar de estadia permanente, eles foram transformados em lugares de passagem para um número crescente de professores e de crianças que não os frequentavam mais que por um espaço de algumas horas quotidianas. Incapaz de refrear esta irresistível evolução, não como em testemunho do fracasso dos liceus no campo não a administração devia se resignar a suportar os efeitos e emendar os artigos de regulamentação interior dos estabelecimentos que se tornaram obsoletos.

Eis que é enfim elevada a interdição feita aos alunos de conversar durante as refeições, e também a presença de professor de sexo feminino, encarregado então das pequenas classes...

A opinião pública o impunha: os liceus não deveriam mais ser universos marginais, isolados do mundo, onde as crianças eram instruídas em toda ignorância das realidades da vida civil.

Outros indícios traíram esta lenta mutação da instituição escolar: sob o impulso dos Ministros Victor Duruy e depois Jules Simon, a cidade e o campo tornaram-se verdadeiros suportes pedagógicos, campos de investigação onde os alunos eram convidados a explorar com a conduta de seus professores;⁷⁷ simultaneamente, os estabelecimentos empreenderam abrir ocasionalmente uma parte de seus locais a um público novo: no princípio da guerra de 1870, o ministro Mége autoriza a ocupação dos edifícios escolares por grupos e ambulâncias militares, argumentando que os deveres

76 Jules Vallès, um dos mais virulentos adversários dos liceus, conta, em 1882, que as crianças ficam reféns dos padres ou dos soldados nos corredores destes pequenos cubículos, onde elas têm sido encerradas sob o protesto dos pais (...) ou sob um julgamento dos magistrados que as teriam achado criminosas (VALLÈS, J. *Les lycées. La France*, out. 1882).

77 Em novembro de 1864, Duruy exigia que os jovens parisienses visitassem, durante a baixa estação, os museus, as coleções científicas e as grandes usinas de Paris. Oito anos mais tarde, Jules Simon entende esta medida e institui aos alunos dos departamentos passeios topográficos nos campos, utilizando mapas do Estado Maior.

do patriotismo dominam a todos.⁷⁸ Nos primeiros meses da III República, certas escolas comunais s, o autorizadas a dispor dos ginásios cobertos dos liceus para cerimônias de distribuição de prêmios; no ver, o de 1899, a sala de festas do liceu de Rennes abrigou o segundo processo do capit, o Dreyfus, acontecimento extraordinário que n, o poderia ter acontecido em tal lugar alguns anos antes; ‡ vÈspera da I Guerra Mundial, certos estabelecimentos de meninos acolheram reuniões eleitorais, cursos de adultos e mesmo cursos secundários para moças!

Após ter sido, por muito tempo, dominados pela cidade, os estabelecimentos parisienses pouco ‡ pouco foram isentos: o reconhecimento de sua especificidade tem primeiramente cuidado com o isolamento ão menos parcial ã de seus edifícios, sua proliferação e uma melhor repartição sobre o terreno municipal; desobrigando-o por um lado de sua responsabilidade educativa, as famílias lhes tinham em seguida permitido de adotar uma atitude mais serena em atenção, o ao seu ambiente; enfim, a propagação das doutrinas positivistas, particularmente perceptível nos conteúdos de ensino, e o desejo reivindicado de fazer dos alunos dos liceus os futuros cidadãos, levaram a uma maior permeabilidade da instituição, o e dos edifícios.

No final do século XIX, a cidade n, o era mais um cinzel, mas uma verdadeira parceira com a qual os liceus n, o hesitaram mais a multiplicar as trocas, deixando de resistir ainda por muito tempo as coisas nocivas inerentes ‡s grandes cidades: o barulho e a poluição, o.

A história material do liceu *Louis-le-Grand*, o decano dos liceus parisienses e o mais prestigiado estabelecimento francês traduz sozinho este retorno. Após ter sofrido por muito tempo com as condições deploráveis de instalação, o e um contexto urbano prejudicial e escapado por pouco de uma transferência, após ter iniciado as sucursais campestres depois os pequenos liceus descentralizados antes de se fazer desapossar pouco a pouco de seus anexos, após ter penosamente conseguido se estender até as ruas circunvizinhas, o estabelecimento viu a administração satisfazer ‡s suas reivindicações ‡ Época de sua reconstrução, o (1885-1898): obtendo uma passagem pública seja aberta através da nova *Sorbonne*, em frente de sua

78 *Bulletin administratif du ministère de l'Instruction*. 1870, p. 390. Nas semanas que se seguiram, a sede de Paris obrigou os liceus parisienses a acolherem as companhias das guardas municipais e das guardas nacionais, até mesmo oficinas de equipamentos que, em certos casos, comprometeram o reinício das aulas em outubro de 1870.

entrada principal, que permitir aos alunos do liceu de continuar a religar sem desvio o *Boulevard Saint-Michel*, antes de desfazer o conceito com os estabelecimentos universitários vizinhos, o projeto de abertura de uma linha de *tramway* com tração elétrica sobre a Rua *Saint Jacques*⁷⁹ que é muito inclinada. Ao mesmo tempo, o arquiteto do liceu substituiu cinco grandes aberturas envidraçadas por uma porta pesada de carvalho que, em tempo imemorial protegia hermeticamente o estabelecimento do exterior e cuja única vista fazia vibrar as crianças no retorno ao domicílio familiar. Ninguém nota o quanto era inútil esta nova entrada. Embora ela fosse uma expressão arquitetural e simbólica da busca de transparência de uma instituição, que havia decidido romper definitivamente com a tradição de fechar-se sobre si e da opacidade herdada dos colégios do Antigo Regime.

79 Aberta em 1 de maio de 1901 e bem conhecida dos estudantes do *Quartier latin*, a Galeria *Gerson* não figurava nos primeiros planos de Henri-Paul Nènot, o arquiteto da nova Sorbonne. Sua criação tinha sido ardentemente reivindicada pelo reitor do Liceu *Gidel* no início dos anos de 1890 e defendida pelo conselheiro municipal *Deschamps*, como a mudança da antiga rua que leva o mesmo nome e que a Sorbonne devia anexar. Quanto ao projeto do *tramway*, foi estudado [C/AUTOR: e?] depois abandonado em 1906. Ainda hoje, nenhuma linha de ônibus passa neste pequeno trajeto da Rua *Saint-Jacques*.

ANEXO - LISTA DOS LICEUS PARISIENSES CRIADOS ANTES DE 1914*

	Nome atual do estabelecimento	Clientela	Localização	Em funcionamento	Denominações sucessivas e natureza do estabelecimento
1	Louis-le-Grand	Meninos	V Circunscrição Administrativa	1803	Liceu de Paris (1803) Liceu Imperial (1804) Colégio Real Louis-le-Grand (1814) Liceu Descartes (1848) Liceu [depois] Liceu Imperial Louis-le-Grand (1849) Liceu Descartes (1870) Desde 1873, Liceu Louis-le-Grand. Internato
2	Henri IV	Meninos	V Circunscrição Administrativa	1804	Liceu do Panthéon (1804) Liceu Napoléon (1804) Colégio Real Henri IV (1814) Liceu Corneille (1848) Liceu [depois] Liceu Imperial Napoléon (1849) Liceu Corneille (1870) Desde 1873, Liceu Henri IV Internato
3	Charlemagne	Meninos	IV Circunscrição Administrativa	1804	Liceu da Rua Saint-Antoine (1804) Desde 1804, Liceu, Colégio Real ou Liceu Imperial Charlemagne. Externato
4	Condorcet	Meninos	IX Circunscrição Administrativa	1804	Liceu da Chaussée d'Antin (1804) Liceu Bonaparte (1804) Colégio Real Bourbon (1814) Liceu Chaptal (1848) Liceu Fourcroy (1848) Liceu [depois] Liceu Imperial Bonaparte (1848) Liceu Condorcet (1870) Liceu Fontanes (1874) Desde 1883, Liceu Condorcet Externato
5	Saint-Louis	Meninos	VI Circunscrição Administrativa	1820	Colégio Real Saint-Louis (1820) Liceu Monge (1848) Desde 1849, Liceu ou Liceu Imperial Saint-Louis Internato
6	Michelet	Meninos	VANVES	1864	Inicialmente casa dos campos (1798) depois anexo (1853) do Liceu Louis-le-Grand. Liceu Imperial (1864) Liceu do Prince-Impérial (1864) Liceu Buffon (1870) Liceu de Vanves (1870) Desde 1888, Liceu Michelet Internato
7	Fénelon	Meninas	VI Circunscrição Administrativa	1883	— Externato
8	Janson-de-Sailly	Meninos	XVI Circunscrição Administrativa	1884	— Internato
9	Lakanal	Meninos	SCEAUX	1885	— Internato
10	Racine	Meninas	VIII Circunscrição Administrativa	1887	— Externato
11	Molière	Meninas	XVI Circunscrição Administrativa	1888	— Externato

80 Os Liceus portaram o título de Colégios Reais de 1814 a 1848 e de Liceus Imperiais de 1853 a 1870.